
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM MINICONTOS DA OBRA AMAR É CRIME, DE MARCELINO FREIRE

Ivana Bocate Frasson¹ (UEL)
e Miguel Heitor Braga Vieira ²(UEL)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo proceder à análise de minicontos de Marcelino Freire, escritor brasileiro contemporâneo que tem se destacado nesta nova espécie de composição narrativa. Os textos selecionados integram a obra *Amar é Crime*, publicada em 2010, e o enfoque deste estudo é a representação da morte. Buscou-se relacionar as características presentes em cada miniconto, tais como a brevidade, a densidade, a ironia, a simbologia e a tensão da narrativa, estabelecidas por Freire ao tratar, em seus textos diminutos, a temática da morte de forma inusitada e original. Os autores revisitados na investigação do estado da arte sobre o miniconto são unânimes em apontar a concepção da brevidade conjugada à densidade como elementos sempre presentes neste gênero, que vem se consolidando no cenário literário brasileiro, sobretudo após a publicação da obra *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004), por iniciativa de Marcelino Freire. A análise aqui realizada, em confronto com a teoria literária que a respalda, evidencia que no miniconto encontra-se a intencionalidade de provocar o leitor, por meio da busca por inferências que confirmam a força literária desta espécie narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Marcelino Freire; miniconto; morte.

INTRODUÇÃO

“Escrever é inaugurar um olhar para as coisas”
(Marcelino Freire)

Discorrer sobre o miniconto requer uma aproximação com uma proposta literária que se coaduna com a emergência de novas formas de composição literária que

1 - ivana.bocate@hotmail.com - <http://lattes.cnpq.br/3867249505168299>

2 alterlux@gmail.com - <http://lattes.cnpq.br/4017242166407721>

priorizam a concisão e a brevidade como recursos estilísticos. Apesar de transmitir a impressão de ser um retrato do trivial, suas entrelinhas contêm uma profundidade que permite a análise de questões fundamentais da vida humana.

Noguerol (1996: 49) considera o miniconto como uma ruptura entre a alta cultura e a cultura popular, colocando em evidência a descentralização e a descontinuidade desta literatura pós-moderna.

Suas marcas principais são o descompasso da expectativa e as ideias visuais, que permitem múltiplos e diferentes desdobramentos, a partir da produção em uma linguagem minimalista. Possui ainda características peculiares, conforme também aponta Noguerol (1996: 50), ao relacionar o ceticismo radical, a excentricidade, o virtuosismo intertextual e o recurso frequente do humor e da ironia, presentes em obras abertas que atingem um público maior. Alonso (2009: 14-15) acrescenta ainda a brevidade, narratividade e ficcionalidade como aspectos fundamentais no miniconto.

A escrita de minicontos pode também ser vinculada aos textos publicados na rede social *Twitter*, fundada nos Estados Unidos em 2006 e que permite aos usuários enviar textos de até 140 caracteres pelo site oficial, celulares, *e-mail* ou programas especializados.

Este gênero literário vem se firmando no Brasil, tendo como marco editorial a publicação da obra *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004), organizada por Marcelino Freire. A proposta desta obra partiu de um desafio lançado a cem escritores brasileiros, alguns já fixados na carreira literária como Dalton Trevisan, Millôr Fernandes e João Gilberto Noll, e outros ainda sem o reconhecimento público. Os autores deveriam escrever histórias inéditas com no máximo cinquenta letras, à semelhança do notório texto do escritor guatemalteco Augusto Monterroso que antecede o prefácio da antologia: “Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá”, considerado o mais famoso miniconto do mundo:

O time de escritores convocados por Marcelino Freire [...] inscreveu a antologia na história da minificção brasileira. Além desse motivo, principal para o sucesso da obra, concorrem para este feito a própria persona literária e pública de Marcelino Freire, bem como os textos em si com suas variedades temáticas e formais, as quais, inclusive propõem estruturas minificcionais, como a unitária, a binária e a ternária. (Vieira 2012: 147)

Freire, nascido em Pernambuco em 1967, escreve desde os nove anos de idade, por inspiração de autores como Manuel Bandeira, tendo sido premiado pelo governo de Pernambuco em 1991, quando se muda para São Paulo, onde passou a ganhar espaço nos meios literários. Suas obras mais conhecidas são *Angu de Sangue* (2000), *Balé Ralé* (2003) e *Contos Negreiros* (2005), o qual recebeu o prêmio Jabuti de literatura, na categoria de contos, em 2006. Atualmente exerce a função de curador da *Balada Literária*, evento anual que ocorre na cidade de São Paulo.

A partir destas considerações iniciais, o presente artigo traça como objetivo proceder à análise literária de seis minicontos de Marcelino Freire, tomando como cate-

goria de análise a representação da morte como temática bastante presente em seus minicontos e tema central de seu primeiro romance intitulado *Nossos ossos* (2013), ao lado da violência, do sexo, da prostituição, da solidão, do esvaziamento do ser e da ambiguidade. Este autor foi selecionado uma vez que sua antologia de textos é frequentemente mencionada como um marco da minificção brasileira.

A opção por esta temática deu-se em virtude de contato literário com este autor e do interesse pelo miniconto, tendo em vista a intencionalidade de autores como Marcelino Freire, em traduzir, em poucas e expressivas palavras, a prodigalidade da minificção no que se refere à transmissão dos aspectos do cotidiano de maneira inusitada e impactante.

MINICONTOS: MÍNIMO VERBO, MÁXIMA PROFUNDIDADE

“Escrever é perder”
(Marcelino Freire)

Trazer para este estudo um conceito específico de miniconto não representa uma tarefa fácil, posto que esta análise demanda um olhar precedente para a definição de conto. Assim, em primeira plana, é importante buscar, na teoria literária, aspectos conceituais desta espécie narrativa. Cortázar (2006: 149) refere-se ao conto como “um gênero de difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, como um caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário”.

Este mesmo autor sugere uma analogia entre o conto contemporâneo como sendo “uma máquina infalível, destinada a cumprir sua missão narrativa com a máxima economia de meios” (Cortázar 2006: 228). Nesta vertente, começamos a tecer um conceito de miniconto, sobretudo quando se associa a missão narrativa à economia de meios, sinalizando as características da narratividade e brevidade a que se referiu Alonso (2009) na introdução deste artigo. Esta mesma autora apresenta a analogia proposta por Violeta Rojo, quando esta equipara o conto a uma bola de futebol e o miniconto a uma bola de *baseball*, não apenas pelo tamanho, mas também pelo impacto.

Resultante da visão de Cortázar (2006: 153), quando o autor reafirma a relevância do conto na ruptura de seus próprios limites, tal qual uma “explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”, Spalding (2008: 59) relata que o miniconto pode ser encarado como “uma narrativa nuclear” de poder e efeito semelhantes aos da bomba atômica: tudo está condensado em seu núcleo e é dali que deve partir a história, projetada, explodida no ato da leitura.”

Para Zavala (2007: 44), a minificção “é um gênero lúdico, intertextual, irônico, e tende a ser notadamente metaficcional, serial e fantástico”³. Ainda conforme este autor, “todas as fronteiras da ficção pós-moderna se condensam na escritura minificcional, que é sim o gênero mais característico da narrativa pós-moderna”⁴.

É conveniente mencionar, na esteira de Lagmanovich (2003), os diferentes termos empregados para denominar o miniconto, tal como microconto, microrrelato ou conto brevíssimo. A estes, acrescentamos a posição de Gonzaga (2007: 33), que menciona a microficcção como “fruto da aceleração de tempos modernos, de um novo contexto de leitura fundado pela fragmentação do próprio tempo dedicado à palavra impressa”.

Por se tratar de uma narrativa muito breve, abre espaço para lacunas sobre as quais o leitor necessariamente precisa fazer suas inferências, envolvendo-se assim em uma participação ativa, moldada por sua bagagem leitora e vivencial. Quando se refere à explosão resultante da leitura de minicontos, Spalding (2008) reafirma a presença do leitor face às ações não narradas, mas sugeridas pelo autor.

No caso dos minicontos, a possibilidade de se formular inferências se amplia, na medida em que o texto escrito se contrai, diminui, sem, porém, esvaziar suas possibilidades de análise. Assim, qual um caracol que evolui nos meandros da linguagem, o miniconto sugere um envolvimento do leitor no sentido de completar as inferências sugeridas pelos contistas na tessitura do texto literário.

Nesta dimensão, busca-se em Lagmanovich (2003) o entendimento de que a oposição extensão/brevidade não é a única que se pode encontrar no miniconto, definindo-o como uma forma compacta, de no máximo uma página, uma página e meia, com uma narrativa que contém início, meio e fim e cujos traços fundamentais do miniconto incluem, além da brevidade: “a sua relação com o mundo natural, o enfoque em um evento ou incidente individual (não sendo, portanto, uma generalização, como o é o aforismo) e a marcação de tempo, este sobretudo através das formas verbais e adverbiais” (Lagmanovich 2003: 72).

Do ponto de vista de Paulino (2001: 37), extrai-se a definição de que o miniconto pode ser definido como “um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor”. Para esta autora, a rapidez da narrativa lembra o modo como um jornal trata as maiores tragédias, apresentando-as como fato corriqueiro.

Noguerol (1996: 49), por sua vez, descreve o miniconto como sendo: “um marco ideológico muito sugestivo para descrever um fenômeno tão pouco estudado até

3 “es un género lúdico, intertextual, irónico, y tiende a ser notablemente metaficcional, serial y fantástico”.

4 “todas las fronteras de la ficción posmoderna se condensan en la escritura minificcional, que es así el género más característico de la narrativa posmoderna”.

agora, como a eclosão de micro-relatos, um corpo textual que pouco a pouco vai conseguindo o *status* que merece nos estudos literários”⁵.

Com base nos conceitos trazidos pelos autores que sustentam esta análise, deve-se retomar a aproximação proposta por Cortázar (2006: 151) entre o fotógrafo e o contista, os quais buscam no leitor/espectador uma abertura que extrapole o argumento visual ou literário inicialmente levantado.

A MORTE EM MINICONTOS DE MARCELINO FREIRE

“Escrever é pulsar”
(Marcelino Freire)

Escolhemos para análise seis minicontos com a temática da morte, emblema muito recorrente na obra de Marcelino Freire. Para tal selecionamos a obra *Amar é crime* (2010), que é composta por quatorze contos que abordam a temática do amor, do crime e da morte. A publicação traz ainda, conforme ironicamente pontua o autor, alguns bônus, posto que inicia-se com um poema intitulado *Um poeminha de amor concreto e*, na parte final, Freire prepara para o leitor trinta minicontos inéditos aos quais se refere como uma leitura destinada ao “intervalo da novela”. Além dos contos, o livro possui ditos populares e agradecimentos ao final da leitura.

Já na apresentação de *Amar é crime*, Ivan Marques (2010: 13) refere que os personagens da obra são “‘monstros’ que despertam como vulcões, seres atolados que de repente resolvem ‘voar’ – ou amar – e saem pelas ruas aos gritos, reivindicando o que lhes foi recusado pela sociedade injusta e opressora”.

Nesta breve análise, optou-se por selecionar, dentre os trinta minicontos que compõem a parte final da obra, seis narrativas que trazem como temática a morte, entrevista de maneira banalizada e mesmo sob um viés libertador, à mercê da miséria e degradação da vida humana que a precedem. Para fins didáticos, convém informar que os minicontos não foram ordenados de forma cronológica, mas sim em ordem de abordagem.

Um primeiro dado importante diz respeito ao fato de que em nenhum dos minicontos apresentados, foi apostado um título que pudesse trazer maiores informações sobre o enredo proposto e/ou sugerido. Infere-se que esta opção do autor deve-se à possibilidade de buscar uma participação mais ativa do leitor.

Em um dos contos, o autor se vale da expressividade do vocábulo *adeus* para compor sua narrativa:

5 “um marco ideológico muy sugerente para describir un fenómeno tan poco estudiado hasta ahora como la eclosión del micro-relato, un corpux textual que poco a poco va consiguiendo el status que merece en los estudios literarios”.

[13]

O adeus é o que fica.
(Freire 2010: 155)

Neste miniconto, observa-se o comprometimento do autor com a estrutura narrativa, na medida em que, em uma única frase – ou unifrásico, conforme denominação assumida por Spalding (2008) – encontram-se delineados o início, o meio e o fim do relato, que pode exprimir, a um só tempo, a dor da saudade, a dor da morte, trazendo implícita a ideia de separação, seja pela distância – podendo ensejar ainda a infêrência sugestiva do fim de um relacionamento –, seja pela ruptura brusca da morte.

Retomando a teoria sobre o miniconto, é importante atentar ao que indica Vieira (2012: 149):

Os minicontos se inserem [...] em uma categoria bastante ampla, que tem a ver com o encurtamento dos dispositivos técnicos do narrador (ação condensada), mas apegada ao enredo da ação (início, desenvolvimento, clímax e desfecho), precisamente em comparação a contos mais longos.

É possível ainda destacar, no miniconto 13, a característica da brevidade, apontada por autores como Cortázar (2008) e Noguerol (1996). Acerca desta questão, deve-se considerar não apenas o número de palavras que moldam o miniconto, mas sua intensa expressividade. Deste modo, brevidade e profundidade se opõem à primeira vista, mas se complementam de forma inequívoca na escolha do termo *adeus*, base da construção do texto de Freire.

No miniconto 22, a temática da morte se faz também presente, porém de maneira diferenciada, conforme se pode perceber pela organização do texto em três períodos distintos, a saber:

[22]

Se eu soubesse
Que iam chorar tanto,
Teria me matado antes.
(Freire 2010: 157)

O miniconto relata um suicídio, de forma irônica, e insere outros sujeitos na narrativa (*iam chorar tanto*), revelando uma situação de carência do eu-narrativo. O humor presente neste texto se concretiza pela posição do suicida, apontando outro motivo para seu derradeiro ato.

A ironia do relato aqui contido situa-se na percepção de que uma possível causa para o suicídio de que trata o miniconto 22 é a solidão e a falta de atenção, manifestada por ocasião da morte. Esta condição da solidão em que o sujeito se encontra so-

bretudo no mundo contemporâneo está em muitos momentos da obra de Marcelino Freire.

Cabe neste ponto reforçar a extrema dramaticidade que se pode verificar neste miniconto, em concordância ao que afirma Santiago (2002), quando se refere aos personagens da narrativa pós-moderna, como atores do grande drama da representação humana, os quais exprimem-se através de ações ensaiadas.

O que se pode inferir em relação ao miniconto 22, é que a morte representa, para o sujeito da escritura, a única possibilidade de interação com os outros, em uma sociedade da qual se sente excluído.

Convém ainda enfatizar, na esteira do pensamento de Ogliari (2010: 129), que não é apenas a brevidade que está em jogo, mas a densidade do relato presente na narrativa.

Esta mesma densidade se faz presente no miniconto 29, apresentado a seguir:

[29]

Olhou o relógio.
Hora de cortar os pulsos.
(Freire 2010: 159)

Nesta narrativa, a temática do suicídio é retomada, de maneira ainda mais veemente que no miniconto 22, pois se evidencia um anticlímax, resultante do encadeamento nada convencional dos dois períodos – peculiaridade deste tipo de narrativa - que compõem o texto de Freire. Deste modo, ao ato cotidiano de olhar o relógio é justaposta a ação de cortar os pulsos, em uma mescla de humor macabro e angústia diante da constatação de uma possível urgência de vida e morte.

As inferências que podem surgir da leitura deste miniconto remetem à ideia de um sujeito que vê no tempo seu algoz, pois o passar das horas marcado pelo relógio pode representar, simbolicamente, a falta de perspectiva diante de um tempo que não volta, que priva o homem de realizar seus sonhos, seus projetos de vida. Assim, a hora marcada pelo relógio é também a hora de sair de cena, de cortar os pulsos.

Neste miniconto, fica evidente o descompasso da expectativa já mencionada na introdução deste estudo como uma das características marcantes do miniconto, na medida em que se comprova que a passagem do tempo, nas horas de um relógio, é o elemento que desencadeia a decisão do eu-narrativo de cortar os pulsos.

Completando o ciclo dos minicontos que abordam a temática do suicídio, o texto a seguir apresenta um questionamento sobre esta ação extremada.

[30]

Se há vida após a morte,
De que adianta se matar?
(Freire 2010: 159)

Neste miniconto, proposto em forma de pergunta, denota-se a presença de uma inquietação em relação à própria compreensão da finitude humana. Apesar de sugerir a possibilidade de vida após a morte, é possível inferir uma intenção do sujeito em suicidar-se.

Trata-se, aqui, de um monólogo em que se contrapõem as ideias de vida e morte, permeadas pela crença religiosa na ressurreição e na vida após a morte. Ao mesmo tempo, é clara a presença de uma certa ironia, percebida nas entrelinhas, que pode levar o leitor a estabelecer significados sobre o não lido, conforme explica Spalding (2008) quando posiciona o leitor frente às ações apenas sugeridas pelo autor.

Não nos parece incorreto afirmar que a posição da literatura de Marcelino Freire, neste viés, mostra-se um meio de representação das inquietações que existem no homem deste século, profundamente envolvido em questões existenciais para as quais busca uma resposta. Assim, o miniconto em análise traz uma pergunta para a qual – supomos – nem sequer o autor encontrou resposta.

Em outro miniconto, encontramos uma posição de ambiguidade em um monólogo bastante sugestivo, cujo interlocutor é identificado como vovô.

[24]

- Faz quantos anos que
o senhor morreu, vovô?
(Freire 2010: 157)

Por meio de um único período em discurso direto, o narrador, apresentado possivelmente como uma criança, pelo uso do vocativo vovô, lança uma questão sobre a época da morte de seu interlocutor. Esta situação inusitada pressuporia três condições: uma primeira, em que ambos estariam mortos; outra, mais provável, em que a vida do avô é comparada, pelo neto, a um estado vegetativo; e ainda uma terceira hipótese, em que o avô realmente morreu e o neto se dirige a ele, em um momento talvez de saudosismo ou inquietação, seja em forma de pensamento, ou em uma visita onde seu corpo fora enterrado.

Nestes termos, o miniconto se concretiza pela marca da incerteza, deixando a cargo do leitor preencher as lacunas disponibilizadas pelo autor na proposição da pergunta que compõe o texto.

Ratifica-se, aqui, a posição de Cortázar (2006: 151), quando o autor refere-se à possibilidade de recortar um fragmento da realidade, ensejando uma “explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica, que trans-

cede espiritualmente o campo abrangido pela câmera”. Nesta comparação com a fotografia, posicionamos o leitor do miniconto diante de recortes de uma narrativa mais sugerida que revelada.

Assim, pelas lentes do leitor, a pergunta de um neto para o avô pode suscitar uma ampla gama de possibilidade de apreensão da realidade, de memórias, enfim, de toda a vasta relação existente entre a vida e a morte.

Quando Vieira analisa minicontos integrantes da obra *Os cem menores contos brasileiros do século*, é possível comparar sua posição a minicontos de *Amar é crime* uma vez que é pertinente ressaltar “a força realista que se encontra imersa no choque instantâneo” (Vieira 2012: 107), de maneira a ressaltar, conforme Schøllhammer, que “a literatura contemporânea procura criar efeitos de realidade, sem precisar recorrer à descrição verossímil ou à narrativa causal e coerente” (Vieira 2012: 107).

Confirma-se, ainda, a proposição de Ogliairi (2010: 157), quando menciona que “Muitos contos de Marcelino Freire, da mesma forma, nada contam com precisão, mas apenas perguntam, provocam, sem que as estruturas da contística moderna sejam respeitadas ou levadas em conta”.

No último miniconto que integra a presente análise, Freire (2010) adota como temática a ausência de uma pessoa querida.

[27]

Tenho saudades de chamar
seu nome pela casa.
(Freire 2010: 158)

Na singeleza da afirmação que fala de saudade, Freire (2010) mostra uma ambiguidade de sentidos, pois este sentimento poderia estar relacionado à ausência em virtude da morte ou pela separação, seja pela distância ou pelo fim de um suposto relacionamento. Assim, não se encontram elementos que permitam afirmar com propriedade as razões do sentimento expresso, mas sua intensidade. A menção ao espaço e ao símbolo da casa sugere, no entanto, uma intimidade que potencializa a dor resultante da falta.

Neste miniconto pode ser aplicada a análise realizada por Ferraz (2009), quando menciona que as imagens e situações dos narradores-personagens de Marcelino Freire são modeladas pelo leitor não apenas pela mensagem de cada discurso, mas, sobremaneira, pela forma discursiva empregada, neste caso, sugestiva de uma memória.

Assim, mesclam-se, no miniconto 27, a densidade e simplicidade como características deste novo gênero. Busca-se ainda em Ferraz (2009: 49) a percepção de que:

Embora os contos de Freire muitas vezes optem por priorizar o excesso de realismo, neles [...] a ficção vai se estabelecendo não só como mimesis, mas como reescritura possível do real, uma tradução material das histórias cotidianas, comuns, mas não menos esteticizáveis por isso. Por outro lado, a realidade se coloca como substância necessária à construção dos sentidos ensejados na ficção.

Ao retomar os minicontos que compuseram esta análise, é possível evidenciar as características que afloram em cada uma das obras aqui relacionadas. Foi possível identificar a brevidade, a expressividade, a ironia, o humor, enfim, as múltiplas formas pelas quais o autor cria e transforma, em narrativas enxutas, a tensão atmosférica que não apenas leva o leitor a situar-se no texto, mas a envolver-se completamente, como tomado pela essência daquilo que não foi dito, mas revelado nas entrelinhas de cada mínima forma, à semelhança do magistral exemplo de Monterroso.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da análise de alguns minicontos de Marcelino Freire, buscou-se destacar características como a brevidade, a densidade, a ironia, a simbologia e a tensão da narrativa, estabelecidas por Freire ao tratar, em seus textos diminutos, a temática da morte de forma inusitada e original.

Acerca dos conceitos de diferentes autores sobre o miniconto, encontramos na base de todas as abordagens aqui trazidas a concepção da brevidade conjugada à densidade como elementos sempre presentes nesta nova espécie literária que vem se consolidando no cenário literário brasileiro, sobretudo após a publicação da obra *Os cem menores contos brasileiros do século*, por iniciativa de Marcelino Freire.

Foi possível identificar, nas entrelinhas dos minicontos que compuseram o *corpus* desta análise, o poder sugestivo que emana da obra de Marcelino Freire e o coloca como uma figura ímpar na literatura brasileira deste século, compartilhando com o leitor a responsabilidade pela construção da narrativa, apoiado em um virtuosismo intelectual que torna sua obra digna de maiores e futuros estudos.

Ficou evidente, nos contos analisados, em confronto com a teoria literária que respalda a presente análise, que no miniconto encontra-se o dito e o não dito, de forma a provocar o leitor, na busca por inferências sem as quais a força desta narrativa não se confirmaria. Retomando a analogia proposta por Violeta Rojo, é no impacto do que é sugerido e não dito que se pode perceber a força expressiva do miniconto, como uma proposta literária de grande alcance, apesar da exiguidade de suas palavras.

OBRAS CITADAS

- ALONSO, Mariví. El microrrelato: Un género que recicla. *El conto em red*. Revista eletrônica de teoría de la ficción breve. n. 20, p. 28- 47, 2009. Disponível em: <http://cuentoenred.xoc.uam.mx> Acesso em 20 jan 2017.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. João Alexandre Barbosa e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FERRAZ, Flávia Heloísa U. Testemunho e oralidade nos contos de Marcelino Freire: um olhar além da violência. *Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 15, p 28-35, jun. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24906>. Acesso em 20 jan 2017.
- FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Selo Edith, 2010.
- _____. (Org.) *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.
- LAGMANOVICH, David. *Microrrelato*. Buenos Aires - Tucumán: Cuadernos de Norte y Sur, 2003.
- MARQUES, Ivan. In: FREIRE, Marcelino. *Amar é crime*. São Paulo: Selo Edith, 2010.
- NOGUEROL, Francisca Jimenéz. “Micro-relato y posmodernidad: textos nuevos para um final de milenic”. *Revista Interamericana de Bibliografía*, XLVI, 1-4, 1996, p.49-66. Disponível em: http://www.educoas.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1996/articulo4/index.aspx?culture=es&navid=201%20. Acesso em 20 jan 2017.
- OGLIARI, Ítalo. *A poética do conto pós-moderno e a situação do gênero no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- PAULINO, Graça et al.. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- SPALDING, Marcelo. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- VIEIRA, Miguel Heitor Braga. *Formas mínimas: minificção e literatura brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- ZAVALA, Lauro. Los estudios sobre minificción: Una teoría literaria en lengua española. *El conto em red*. Revista eletrônica de teoría de la ficción breve. Disponível em: <http://cuentoenred.xoc.uam.mx> Acesso em 20 jan 2017.

REPRESENTATION OF DEATH IN MINI-SHORT STORIES IN MARCELINO FREIRE'S *AMAR É CRIME*

ABSTRACT: This article analyzes six mini-short stories by Marcelino Freire, a Brazilian contemporary writer who has excelled in this new type of narrative composition. The selected texts are part of *Amar é Crime* (2010). We sought the representation of death trying to relate it to the brevity, density, irony, symbology and the tension of the narrative as traits dealt by Freire in an usual and original way in in each of his mini-short stories. The state of the art is unanimous in pointing out the conception of brevity combined with density as elements always present in this genre, which has been in a crescendo trend in the Brazilian literary scene, especially after the publication of *Os cem menores contos brasileiros do século*, an initiative by Marcelino Freire. The analysis carried out in contrast to the literary theory that supports it shows that there is in the mini-short story the intentionality of teasing the reader to search for inferences that confirm the literary power of this type of narrative.

Key words: Marcelino Freire; mini-short story; death.

Recebido em 26 de setembro de 2017; aprovado em 2 de dezembro de 2017.